

MAL-ESTAR DOCENTE E A (IM) POSSIBILIDADE DA AUTORREFLEXÃO: UMA PROBLEMÁTICA NOS TEMPOS DE PANDEMIA

TEACHER MALAISE AND THE (IM) POSSIBILITY OF SELF-REFLECTION: A PROBLEM IN PANDEMIC TIMES

Marta Regina Furlan de Oliveira **1**
Carlos Fernando Lozano Castañeda **2**
Solange Franci Raimundo Yaegashi **3**

Resumo: Este ensaio teórico, vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Infância e Teoria Crítica da Universidade Estadual de Londrina, constitui parte da dissertação de mestrado da linha de pesquisa “Formação de Professores” do Programa de Pós-Graduação em Educação da respectiva universidade. Objetiva refletir sobre o mal-estar docente ante ao acontecimento da pandemia provocada pela Covid-19 e as imbricações no campo formativo educacional. Sabe-se, contudo, que o mal-estar docente não é algo novo. A pandemia no mundo registrou travessias na educação e formação, principalmente pelo ensino remoto, que alterou o saber na vida de estudantes e professores. A metodologia é uma pesquisa bibliográfica à luz dos fundamentos da Teoria Crítica de Sociedade e, de intérpretes contemporâneos que dialogam com essa base teórica. O desafio está na ação educativa via autorreflexão crítica ante ao vírus que levou crianças, jovens, adultos para casa. O estudo possibilitou a reflexão acerca de caminhos que permitam novos horizontes pedagógicos em favor da vida e do bem-estar de todos.

Palavras-chave: educação. mal-estar docente. pandemia. autorreflexão.

Abstract: This theoretical essay, linked to the Group of Studies and Research in Education, Childhood, and Critical Theory of the State University of Londrina, is part of the master’s dissertation of the research line “Teacher Training” of the Graduate Program in Education of the respective university. It aims to reflect on teacher malaise in the face of the Pandemic event caused by COVID-19 and the imbrications in the educational formative field. However, it is known that teacher malaise is not something new. The pandemic in the world recorded crossings in education and formation, mainly through remote education, which changed the knowledge in the lives of students and teachers. The methodology is bibliographic research in light of the foundations of the Critical Theory of Society and contemporary interpreters who dialogue with this theoretical basis. The challenge lies in educational action via critical self-reflection in face of the virus that made children, young people, and adults stay at home. The study enabled reflection on paths that allow new pedagogical horizons in favor of everyone’s life and well-being.

Keywords: Education. teacher malaise. pandemic. self-reflection.

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). **1**
Docente do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8423465824507075>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2146-2557>.
E-mail: marta.furlan@yahoo.com.br

Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). **2**
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8926914482279807>, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0611-2316>. E-mail: fernandolozano009@gmail.com

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente do Departamento de Teoria e Prática da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5273356754482937>.
<http://orcid.org/0000-0002-7666-7253>. E-mail: solangefry@gmail.com **3**

Provocações iniciais: o instante perdido da Educação

A acção, a única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade (ARENDR, 2007, p.15).

A pandemia de Covid-19, também conhecida como pandemia de coronavírus, é uma questão de saúde pública que afetou o cenário mundial em seus mais diversos campos, trazendo consequências econômicas, políticas, sociais. No campo educacional a pandemia engendrou mudanças significativas devido à implantação do ensino remoto, as quais contribuíram para uma sobrecarga de trabalho aos docentes e dificuldades de relacionamento com as famílias dos alunos, que também se viram obrigadas a se reorganizar.

O mundo e, especificamente, o Brasil, teve que “parar” com a forma de viver habitual, para adentrar em um novo formato de vida e de convivência que, no caso, denominou-se de isolamento ou distanciamento social. A nova ordem social passou a ser: “fique em casa”.

Assim, logo nos primeiros 30 dias de contágio mundial e massivo do vírus, viu-se um cenário marcado por crianças, adolescentes e jovens fora da escola. O verbo esperar assumiu seu valor com o pensamento de um possível retorno ao mundo escolar, o que não aconteceu até o presente momento. Ao contrário, a paralisação provocada pelo “inimigo invisível” (Covid-19) potencializou notáveis interrupções no desenvolvimento escolar, na formação dos estudantes e, ainda, no processo de saber-fazer docente.

A educação, que até então trazia em seus propósitos um ensino presencial revelado pela relação professor e alunos em sala de aula, agora se vê desafiada a buscar novos direcionamentos e sentidos ao saber escolar, a fim de que o conhecimento seja (re)direcionado em meio ao caos. Pela mesma trilha de mudança e busca de novos sentidos, o professor, que antes do contágio em massa do vírus, enveredava por intenções e ações de ensino voltadas ao processo presencial e de convivência em sala de aula, com uso de instrumentos didáticos (livros, quadro e giz, Datashow etc.), agora se vê em um cenário no qual precisa mudar sua forma de trabalho. Para os atuantes na educação da infância, por exemplo, a ruptura se firmou com mais clamor com o novo lugar do brincar e do desenvolver-se enquanto criança em processo de formação integral.

O contexto de pandemia obrigou o sistema educacional a recorrer à tecnologia. Todavia, se em outro momento essa tecnologia era vista como preocupante e até adestradora da vida e das relações, neste cenário pandêmico torna-se a estratégia inovadora da educação e, porque não, a possível “solução”. A disponibilização de ferramentas *online* para a realização de atividades não presenciais, como os mais conhecidos: *Google Meet*, *Zoom*, *Google Hangouts*, *Skype* e ambientes de sala de aula online como o *Google Classroom*, se firmaram no propósito de aproximar professores e alunos por meio do ensino remoto emergencial.

A pandemia no mundo registrou travessias na educação e no ensino remoto. Se o mal-estar docente já se revelava em tempos anteriores, pois isso não é algo novo, com a pandemia, a situação do professor e seu quadro de desprestígio social se tornam mais evidentes, principalmente, quando autoridades macrossociais lhe depositam instruções sobre como agir em tempos de dor e sofrimento no mundo. Dessa forma, a ferida que ainda estava aberta, denominada desigualdade, com o novo tempo social, se torna agravada.

Face ao exposto, a problemática que se pretende investigar pode se traduzida na seguinte questão: Como o mal-estar docente tem se constituído ante a pandemia e, quais as possibilidades para uma educação autorreflexiva em meio ao ensino à distância? Diante disso, este ensaio é atual e relevante, visto que objetiva refletir acerca do mal-estar docente frente ao acontecimento da pandemia de Covid-19 e seus potenciais decorrentes no campo formativo e educacional.

Os objetivos específicos versam: a) caracterizar o contexto social pandêmico e suas interfaces com a educação; b) refletir sobre o mal-estar docente ante ao vírus e à pandemia e os potenciais decorrentes no campo formativo e educacional; c) refletir sobre a (im)possibilidade

de uma educação autorreflexiva a partir dos grilhões do ensino tecnológico e remoto.

A metodologia é um estudo bibliográfico fundamentado na Teoria Crítica de Adorno (1995), Adorno e Horkheimer (1985) e, em intérpretes contemporâneos que tecem confluências com esta base teórica, tais como: Benevides-Pereira et al (2003), Carlotto (2002), Imbernón (2020), entre outros. O texto está organizado da seguinte forma: a) caracterização e reflexão crítica no cenário pandêmico e da massificação do vírus Covid-19 no mundo, Brasil e, especificamente na educação e formação; b) reflexão sobre o mal-estar docente com o novo método de educação virtual ou online, principalmente no que tange ao processo de potencialização da razão instrumental como estabelecem Horkheimer e Adorno e da (im)possibilidade da autorreflexão. Ao mesmo tempo, tenciona dirigir a educação e a formação pelos fundamentos críticos dos pensadores da Escola de Frankfurt já anunciados no texto, no sentido de tomar consciência pelo pensar crítico sobre o novo formato de barbárie que causa mal-estar ao professor por meio do uso de novas tecnologias como um método emergencial de aprendizagem e conhecimento.

Assim, esse ensaio consiste em uma forma de desbarbarização, ou seja, apresenta-se como um grito de alerta diante da barbárie que ronda a existência humana. Recuperar o sentido educativo e sensível da vida, do trabalho docente e da educação, enquanto lugar de formação, é ir na contramão de conteúdos irracionais, duros, frios, adaptativos, excludentes e conformistas apreendidos.

Covid-19: o inimigo invisível

O sentido literal da pandemia do coronavírus é o medo caótico generalizado e a morte sem fronteiras causados por um inimigo invisível. Mas o que ela exprime está muito além disso (SANTOS, 2020, p. 10).

Antes de tratar sobre o mal-estar docente nos tempos da pandemia de Covid-19, é necessário conhecer o termo relacionado, no caso Coronavírus, e os sintomas que o vírus causa naqueles que o sofrem, bem como o sentido dado ao termo pandemia. Assim, seja no idioma espanhol ou português ou em outro idioma; o significado de pandemia¹, é o mesmo para todos, porque é uma doença que se espalha rapidamente em muitos países, afetando indivíduos em uma região ou em um continente.

Em relação à Covid-19 ou Coronavírus o Ministério de Saúde do Brasil², define-o como:

Uma doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a maioria dos pacientes com COVID-19 (cerca de 80%) podem ser assintomáticos e cerca de 20% dos casos podem requerer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória e desses casos aproximadamente 5% podem necessitar de suporte para o tratamento de insuficiência respiratória (suporte ventilatório) (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020, p. 1).

1 Significado de pandemia para a Academia Espanhola Real "RAE": doença epidêmica que se espalha para muitos países ou que ataca quase todos os indivíduos em uma localidade ou região. disponível em: <https://dle.rae.es/pandemia>. Significado pandêmico para a língua portuguesa: Doença infecciosa e contagiosa que se espalha muito rapidamente e acaba por atingir uma região inteira, um país, continente etc. disponível em: <https://www.dicio.com.br/pandemia/>

2 Informação sobre o COVID-19. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/>

Enquanto isso, o coronavírus é:

Uma família de vírus que causam infecções respiratórias. O novo agente do coronavírus foi descoberto em 31/12/19 após casos registrados na China. Provoca a doença chamada de coronavírus (COVID-19). Os primeiros coronavírus humanos foram isolados pela primeira vez em 1937. No entanto, foi em 1965 que o vírus foi descrito como coronavírus, em decorrência do perfil na microscopia, parecendo uma coroa. A maioria das pessoas se infecta com os coronavírus comuns ao longo da vida, sendo as crianças pequenas mais propensas a se infectarem com o tipo mais comum do vírus. Os coronavírus mais comuns que infectam humanos são o alpha coronavírus 229E e NL63 e beta coronavírus OC43, HKU1 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020, p. 1).

Desse modo, a transmissão do vírus ocorre de uma pessoa para outra por meio do contato ou de objetos contaminados, como portas, brinquedos, telefones celulares, entre outros; ao mesmo tempo, o vírus é transmitido através de espirros, tosse, beijos, mãos trêmulas e qualquer tipo de contato próximo com outra pessoa infectada. No que se refere aos sintomas, a OMS³ estabelece que:

Los síntomas más comunes de COVID-19 son fiebre, tos seca y cansancio. Otros síntomas que son menos comunes y pueden afectar a algunos pacientes incluyen dolores y molestias, congestión nasal, dolor de cabeza, conjuntivitis, dolor de garganta, diarrea, pérdida del gusto u olfato o erupción cutánea o decoloración de los dedos de manos y pies. Estos síntomas generalmente son leves y comienzan gradualmente. Algunas personas se infectan pero solo tienen síntomas muy leves. La mayoría de las personas (alrededor del 80%) se recuperan de la enfermedad sin necesidad de tratamiento hospitalario. Alrededor de 1 de cada 5 personas que contraen COVID-19 se enferman gravemente y desarrollan dificultad para respirar. Las personas mayores y aquellos con problemas médicos subyacentes, como presión arterial alta, problemas cardíacos y pulmonares, diabetes o cáncer, tienen un mayor riesgo de desarrollar enfermedades graves. Sin embargo, cualquiera puede atrapar COVID-19 y enfermarse gravemente. Las personas de todas las edades que experimentan fiebre y / o tos asociadas con dificultad para respirar / dificultad para respirar, dolor / presión en el pecho o pérdida del habla o movimiento deben buscar atención médica de inmediato. Si es posible, se recomienda llamar primero al proveedor o centro de atención médica, para que el paciente pueda ser dirigido a la clínica adecuada (OMS, 2020, p. 1).

Em nível mundial, com o advento da pandemia de Covid-19, medidas restritivas foram tomadas, dentre as quais a paralisação das indústrias e das atividades presenciais nas escolas e universidades. Alguns setores, como saúde e comércio permaneceram funcionando apesar das consequências.

Entretanto, deve-se levar em conta que o trabalho do educador continuou e, com uma nova configuração que, conseqüentemente, promoveu o aumento das horas de trabalho em um nível mais crítico, gerando maior estresse em suas atividades educacionais, principalmente com os que atuam na educação básica, como na educação infantil e no ensino fundamental e médio.

³ Organização Mundial da Saúde: Organização Mundial da Saúde é uma agência especializada em saúde, fundada em 7 de abril de 1948 e subordinada à Organização das Nações Unidas. Disponível em: <https://www.who.int/es>

Diante disso, a educação que poderia ser sensibilizadora da dor, promove novas formas de sofrimento tanto aos professores quanto aos estudantes que se veem perdidos em meio a tantas informações e mudanças. Para Santos (2020), a atual pandemia veio para acirrar em destaque uma suposta crise na educação e na formação, visto que desde a década de 1980, o mundo tem vivido em permanente “estado de crise” à medida que o neoliberalismo foi se impondo como a versão dominante do capitalismo. Acrescenta o autor:

Uma situação duplamente anômala. Por um lado, a ideia de crise permanente é um oxímoro, já que, no sentido etimológico, a crise é, por natureza, excepcional e passageira, e constitui a oportunidade para ser superada e dar origem a um melhor estado de coisas. Por outro lado, quando a crise é passageira, ela deve ser explicada pelos fatores que a provocam. Mas quando se torna permanente, a crise transforma-se na causa que explica tudo o resto. Por exemplo, a crise financeira permanente é utilizada para explicar os cortes nas políticas sociais (saúde, educação, previdência social) ou a degradação dos salários (SANTOS, 2020, p. 5).

Nesse cenário massificado pelo inimigo invisível, o que impressiona é o contínuo acirramento do mal-estar docente em todo o mundo. Do mesmo modo que o tecido social, a docência é desgastada ante as insatisfações enfaticamente justificadas por professores, os descontentamentos de alunos diante do número exuberante de atividades para garantir o conteúdo e a suposta aprendizagem; a insatisfação com relação às políticas públicas para a educação básica, principalmente com a visibilidade de uma cultura escolar pandêmica marcada pela desigualdade social, intolerância metodológica e uso abusivo do trabalho docente que se vê perdido em meio à tempestade das aulas remotas.

Somando-se a isso, a questão salarial é afetada, principalmente para os que atuam nas redes particulares voltadas à educação da primeira infância, pois com o alargamento do distanciamento social, muitos pais “retiraram” as crianças da escola e se desresponsabilizaram das obrigações com as mensalidades. Outro agravante consequente do vírus da morte consiste na condição de trabalho precário dos professores que se veem em uma nova demanda de ensino marcada pelo uso da tecnologia de ponta, para a qual não estavam preparados cultural e economicamente. A exaustão se arrasta com horas de aulas *online* que, ao final não garante o mínimo de estudantes em “sala”, ou seja, poucos alunos estão conectados e, os que já eram segregados social e economicamente, agora são efetivamente deixados para trás. Adorno (1995, pp. 116-117) esclarece:

A minha geração vivenciou o retrocesso da humanidade à barbárie, em seu sentido literal, indescritível e verdadeiro. Esta é uma situação em que se revela o fracasso de todas aquelas configurações para as quais vale a escola. Enquanto a sociedade gerar a barbárie a partir de si mesma, a escola tem apenas condições mínimas de resistir a isto. Mas a barbárie, a terrível sombra sobre a nossa existência, é justamente o contrário da formação cultural, então desbarbarização da humanidade é o pressuposto imediato.

Deste modo, a pandemia exigiu dos indivíduos, mudanças drásticas, mas que precisam ser feitas com base na tomada de consciência, caso contrário, é possível partilhar um novo tipo de barbárie, principalmente quando o assunto é educação.

Mal-estar docente e a produção da “nova” subjetividade à luz da tecnologia

[...] Como proteger-me das feridas

Que rasga em mim o acontecimento,

Qualquer acontecimento

Que lembra a Terra e sua púrpura demente?

Ninguém responde, a vida é pétrea

(ANDRADE, 1996, p. 15)

Na conjuntura atual, o mal-estar docente é permeado por uma amplitude de significados. Há um conjunto de interfaces psicológicas, filosóficas, sociais e educacionais que direcionam para o conceito do que seja esse termo na contemporaneidade. Em termos gerais está relacionado à insatisfação ou uma sensação de fracasso, tédio e esgotamento que gera o sintoma de estresse e, tensão nas pessoas.

Nesse sentido, Benevides-Pereira et al (2003) explicam que o estresse é um distúrbio associado a problemas físicos e psicológicos, afetando o comportamento humano e está interligado, em sua maioria, com o ambiente social em que os indivíduos vivem e convivem cotidianamente.

Corroborando, Yaegashi, Benevides-Pereira e Alves (2013) afirmam que vários fatores propiciam o desencadeamento do processo de estresse entre os professores, tais como:

[...] baixos salários, precariedade das condições de trabalho, atribuições burocráticas, elevado número de alunos por sala de aula, despreparo do professor diante de novas situações e emergências, pressões exercidas pelos pais dos alunos e pela sociedade, violência nas escolas entre outros elementos [...]. Entretanto, sem desconsiderar todas essas possibilidades, o estresse ocupacional também pode estar relacionado a outros aspectos, como as características do funcionamento organizacional, que podem propiciar diversos pontos de tensão, bem como colocar inúmeros desafios para o professor.

Para as autoras, as desordens associadas ao estresse são muito variadas, sendo que os que padecem desse transtorno geralmente apresentam problemas físicos e psicológicos que interferem em seu comportamento e ambiente social.

De acordo com Esteve (1999), a desmotivação e o desestímulo diante da profissão podem ocasionar o mal-estar docente, o qual advém das mudanças ocorridas em âmbito social e das múltiplas funções que o professor precisa desempenhar.

Nessa lógica, Imbernón (2020) explica que o mal-estar docente associa-se a sentimentos e emoções que são constituídos de maneira negativa no processo de saber-fazer docente. Nas palavras do autor:

[...] como los efectos permanentes de carácter negativo que afectan la personalidad del profesorado como resultado de las condiciones psicológicas y sociales en que se ejerce la docencia; este malestar docente trae múltiples consecuencias: absentismo laboral, abandono de la profesión, enfermedades propias del profesorado, agotamiento emocional y ansiedad (IMBERNÓN, 2020, p.2).

Dependendo da forma como os professores lidam com o estresse, pode haver o desencadeamento do *Burnout*, expressão inglesa que designa aquilo que deixou de funcionar por falta de energia, ou seja, por exaustão (OLIVEIRA, 2006).

Maslach, Schaufeli e Leiter (2001, apud CARLOTTO, 2002 p. 23) expõem três dimensões psicossociais associadas ao *Burnout*:

Exaustão emocional, caracterizada por uma falta ou carência de energia, entusiasmo e um sentimento de esgotamento de recursos; despersonalização, que se caracteriza por tratar os clientes, colegas e a organização como objetos; e diminuição da realização pessoal no trabalho, tendência do trabalhador a se autoavaliar de forma negativa. As pessoas sentem-se infelizes consigo próprias e insatisfeitas com seu desenvolvimento profissional.

O *Burnout* ocasionado pelo mal-estar docente, neste caso, está relacionado especificamente com o trabalho, manifestado pelo estado crônico de estresse, principalmente quando reflete acontecimentos de pressões, conflitos, pouco reconhecimento e manipulações emocionais (HARRISON, 1999).

Esse assunto tem se ampliado e se materializado especificamente na educação básica como problemas de ordem psicossocial, principalmente por estar associado a uma amplitude de situações cotidianas de aversão em relação à profissão de professor, representando “um papel não muito explícito na conhecida crise de renovação do magistério” que, de certa forma, direciona a carreira docente para a degradação e desumanização da profissão (ADORNO, 1995, p.97). O autor ratifica:

Permitam-me começar pela exposição da experiência inicial: justamente entre os universitários formados mais talentosos que concluíram o exame oficial, constatei uma forte repulsa frente aquilo a que são qualificados pelo exame oficial, e em relação ao que se espera deles após este exame. Eles sentem seu futuro como professores como uma imposição, a que se curvam apenas por falta de alternativas. É importante ressaltar que tenho a oportunidade de acompanhar um contingente não desprezível de tais formados, com motivos para supor que não se trata de uma seleção negativa (ADORNO, 1995, p.97)

Adorno (1995) explica que o desprestígio e o menosprezo pela figura do professor têm suas raízes desde a época do feudalismo, o qual traz referências antigas que mencionam que os professores eram escravos, em outros casos eram considerados como os tiranos da escola. Entre os séculos XVII e XVIII, soldados veteranos foram formalizados como professores nas escolas primárias, de modo a garantir a imagem de alguém forte que castiga o fraco. Esses fatos, associados ao processo de aparente democratização do ensino ao longo do século XX, trouxeram algumas implicações no campo da educação, cujos efeitos podem ser observados em aspectos relacionais e subjetivos da profissão docente. Formação para dominar, a qual traz consigo a desvalorização e descrédito da profissão.

Freud (1930), em seu clássico texto *Mal-estar na civilização*, já alertara de que uma das fontes de sofrimento humana sobrevém das relações intersubjetivas, considerando-a muito mais penosa quando comparada à decadência do corpo frente à passagem do tempo e à influência do mundo externo da qual não se tem nenhum controle. Complementa o autor que, contrário as formas de sofrimento, muitas vezes, advindas de relacionamentos humanos e de trabalho, a defesa imediata é o isolamento involuntário, ou seja, o afastamento das demais pessoas.

Este processo de afastamento pode desenvolver uma variedade de sintomas físicos, afetivos e emocionais. Sobre isso, Wolffberg (2002 apud CIALZETA, 2013, p. 44) apresenta a seguinte explicação:

Físicos: Taquicardia, dolor y opresión precordial; dispepsia, micciones frecuentes; impotencia sexual o falta de libido, alteraciones del ciclo menstrual; parestesias, tensión muscular, mialgias; cefalea persistente, migraña, diplopía. Afectivos: Repentinos y frecuentes cambios de humor; incapacidad de sentir compasión por otras personas; interés excesivo por su salud física; introversión, cansancio y falta de concentración; astenia, aumento de la irritabilidad, angustia. De comportamiento: Indecisión y descontento injustificado; aumento de ausentismo; tendencia a sufrir accidentes automovilísticos; trabajo ineficaz y uso de recursos para evitarlos; tendencia a consumir alcohol y drogas; exceso de comidas, aumento de la dependencia a tranquilizantes; trastornos en el sueño; disminución de la calidad de vida y la cantidad de trabajo.

Nessa mesma perspectiva, Benevides-Pereira (2002), refere-se, ainda, aos sintomas defensivos da síndrome de *Burnout*, que levam a pessoa a apresentar atitudes de isolamento, sentimento de onipotência, perda de interesse ou prazer no trabalho, ironia, absentismo e cinismo. Todas as manifestações mencionadas dependem do indivíduo, dos fatores ambientais e da fase em que o indivíduo se encontra, porque a síndrome não apresenta todos os sintomas, ao mesmo tempo, tudo dependerá dos aspectos que mais afetam a pessoa.

De acordo com Imbernón (2020, p. 2), o mal-estar docente se estabelece da seguinte forma:

Y en los últimos años ese malestar docente ha ido aumentando por motivos políticos como los recortes a la educación y políticas erráticas y motivos educativos como la falta de recursos, la indisciplina de algunos estudiantes, las exigencias de las familias y el contexto y la mala planificación de las políticas públicas.

Ao relacionar essas características ao contexto histórico pandêmico vivenciado atualmente, compreende-se que há um nível alto de estresse e de incertezas que tem afligido a maioria das pessoas, inclusive, os professores que se veem impotentes diante do incerto. No ano de 2020, iniciou-se o confinamento em virtude da pandemia de coronavírus no Brasil e no mundo, encerrando com ela as atividades de estabelecimentos comerciais e, sobretudo, o fechamento de centros educacionais e instituições escolares como estratégia impeditiva na disseminação do vírus, conforme já comentado no texto. Nesse procedimento de “fechamento das escolas” há um novo método educacional, que é o ensino remoto emergencial, que agora tem gerado mais estresse aos profissionais da educação, além do próprio coronavírus.

De acordo com Imbernón (2020, p. 2), essa crise pandêmica contribui para o aumento do mal-estar docente. Nas palavras do autor:

El malestar ha aumentado ya que se trabaja con sus herramientas digitales, intentando conectarse y que se conecten los alumnos (en algunas etapas hay hasta un 30% del que no se sabe nada), no viendo al alumnado. Y viviendo como se ha evidenciado, amplificado y reforzado las desigualdades digitales, sociales, emocionales, cultural y económicas que tienen muchas familias y, por tanto, los alumnos. Y sin poder hacer nada.

Na pandemia, há evidências da falta de infraestrutura tecnológica na educação escolar em todos os níveis de ensino, além da ausência de formação para o uso das novas tecnologias por parte de professores e, também, por uma parte da população estudantil. Muitas vezes, a qualidade destas ferramentas técnicas, bem como os provedores de *internet* dos professores e alunos está aquém do que era esperado pelo sistema educacional de maneira macro. Con-

sequentemente, há um novo tipo de estresse por parte dos alunos, pais e, principalmente, professores, que agora possuem maior carga de trabalho devido às novas demandas que foram estabelecidas. Pereira (2016), ao identificar essas mudanças que afetam direta e indiretamente a escola e o professor, revela que há uma subjetividade particular de receber e responder a essas demandas de ordem psíquica, social e histórica.

Por conseguinte, tanto em nível nacional quanto mundial, apesar de todos os esforços empregados em relação ao ensino e ao trabalho educativo docente, tem sido estampada a fragilidade da educação. A pandemia, nesse sentido, evidenciou as desigualdades que já vinham sendo vivenciadas no ensino presencial e, que tem se ampliado no ensino remoto emergencial. E, diante disso, alunos e professores são invisíveis em um suposto contexto comum mediado pela tecnologia.

Há evidências de que nem os professores, e nem os pais e alunos estavam preparados para esta situação. Todavia, os processos de formação em geral e dos professores em particular estão envolvidos por práticas culturais mediadas pelas novas tecnologias da informação, que vêm se constituindo com “poder” e sendo “aceitos sem resistência” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 114).

Há, ainda, um tempo aligeirado de formação para essa nova demanda tecnológica que se firma na educação escolar e, que promove a tensão docente diante da formação fragilizada em relação a esta ferramenta. Desse modo, a educação virtual está exigindo mais esforço e tempo por parte do professor. Conforme estabelecido por Imbernón (2020, p.3):

La enseñanza no presencial en casa requiere otra manera de planificar el curso, otras actividades, otras exigencias para los estudiantes y otra manera de evaluar, y eso es en lo que no se está preparado y el profesorado cae en el desánimo, el estrés, la intensificación del trabajo con muchas horas delante de la pantalla y el padecimiento por ver que se hace lo imposible. Y nadie les aplaude considerando que es su trabajo.

É possível observar que a relação homem e máquina tecnológica, durante este período da pandemia, adquire novos contornos, pois o uso da tecnologia no dia a dia pode ser prazeroso, uma vez que permite ao usuário habitar, interagir, amar e sentir prazer. Todavia, no momento atual, de crise pandêmica, esse uso tem provocado mal-estar aos docentes e à população educacional (OLIVEIRA; AGOSTINI, 2020)

Conseqüentemente, esse momento de crise na saúde provoca a crise em todas as demais áreas da vida humana e, o professor, que em sua história já vinha sendo desqualificado socialmente, agora tem um novo desafio que é ensinar, “afetar” (no sentido do afeto) e, ainda, desenvolver competências e habilidades para o uso das ferramentas tecnológicas e de comunicação. Para além dos elementos que utilizava para o ensino, como planejamento, material didático, metodologias de ensino presencial; se vê em um novo cenário, marcado pela aula não presencial, mas sem distância, tendo que garantir a presença dos estudantes em “sala” e, ainda, promover metodologias lúdicas e interativas que despertem o desejo de aprender, mesmo que em um contexto diferente do habitual.

Da educação infantil até o ensino superior e pós-graduação todos se veem imersos nesta nova empreitada tecnológica. Alguns profissionais da educação consideram que a *internet* e a tecnologia podem resolver o problema dos alunos sem aula e da escola sem alunos. Outros consideram que as perdas em termos de conteúdo são irreparáveis. Entretanto, uma questão inquieta: O ensino remoto seria o impulsionador de soluções ou de novas dificuldades? Como esse professor sente e percebe essa nova demanda no ensino e na sua forma de dar aula?

O que se pode abstrair desse contexto, é que tem provocado muitas reflexões ou lições, ainda que iniciais, acerca do que tem se instituído e do que é preciso desenvolver enquanto professores. Se o mal-estar docente já era notório na sociedade e na educação, especificamente agora, observa-se a ampliação da desse mal-estar, principalmente pelas incertezas desse “novo normal” e de quais ações docentes são realmente necessárias para que seja legitimado

no ensino, o direito à vida dos estudantes. Como será o retorno desses alunos? Eles serão capazes de retomar? E os professores, também terão condições de retomar? Quantos profissionais já viviam fragilizados e que agora sofrem ainda mais com essa nova realidade?

Das incertezas no contexto pandêmico, a certeza que há é que o ensino remoto tem se configurado como porta-voz do caos educativo, com aulas estereotipadas e com saberes emudecidos da crítica e da reflexão. Há, ainda, a ausência dos estudantes que, diante da nova configuração técnica de ensino, se veem despreparados para esse formato de aula. O mal-estar docente é revelado pela própria contradição social, ou seja, enquanto vidas humanas estão indo embora por conta da pandemia de Covid-19, a escola se vê preocupada com o infinito número de atividades que precisam postar para os alunos resolverem.

Mediante esse contexto, o mal-estar se reflete também nas incertezas do que realmente é prioridade nesse momento. Nesse sentido, a escola e os professores ao invés de educar seus alunos em uma linha afetiva, de valores humanos, de trabalhar com solidariedade e humanização dos indivíduos, tendem a dirigir suas ações e intenções para uma trilha marcada por normativas escolares que se relacionam com autoridades governamentais.

Retomando Adorno (1995) indagamos: *Educação para quê?* Essa questão deve lembrar a verdadeira função da escola, que precisa oferecer uma formação crítica e cultural para a sociedade. Principalmente, porque, a indústria cultural assumiu a verdadeira formação, trazendo consigo a conformidade causando mal-estar para quem executa devido à limitação da autorreflexão crítica dos acontecimentos atuais, porque está sendo utilizada uma racionalidade técnica e instrumental como estratégia educativa emergencial ante a pandemia e, não necessariamente como um meio de aprendizagem e de formação humana.

Nesse sentido, a “formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede à formação cultural, mas a sucede” (ADORNO, 2010, p. 9). Há, nesse prisma, uma grande distância da análise crítica e da interação face a face nas relações humanas. Ainda, configura-se nesse cenário, uma nova forma de barbárie que provoca mal-estar docente mediada pela educação tecnificada como suposta solução para a formação dos educandos.

Para compreender essa nova configuração de barbárie, Adorno (1995, p.29) convida a estudar o significado do passado, por meio da seguinte afirmação: “[...] a ideia da elaboração do passado, é motivo suficiente para provocar considerações relativas a um plano que ainda hoje provoca tanto horror que vacilamos até nomeá-lo”. No pensamento adorniano se expressa que o nazismo ainda sobrevive como um fantasma de um fato monstruoso na sociedade, neste caso, seria conhecer a história da humanidade para relacionar a atual pandemia com outras pandemias que aconteceram há tempos atrás⁴.

Com esse novo formato de barbárie fetichizado pelas tecnologias como recurso primário para a formação de indivíduos, haverá uma tentativa de superar essa barbárie que faz com que haja o mal-estar do professor, de modo a buscar a sobrevivência da humanidade revelada sobre os acontecimentos que afetam esses profissionais. Assim, como explicam Oliveira e Agostini (2020, p. 11): “Superar ou resistir à barbárie pelo caminho da ética é abastecer-se da autonomia para realizar os desígnios da espécie humana, bem como o reconhecimento da subjetividade (livre) do outro.”

Pelo caminho da desbarbarização é possível pensar em uma formação comprometida com a vida e com o direito a uma educação digna e de qualidade. Para tanto, a educação e o ensino escolar precisam combater a frieza produzida intencionalmente pelas multtelas, conhecendo os aspectos que as produzem. Segundo Adorno (1995, p.136), “o conhecimento desses mecanismos é uma necessidade”. Entretanto, não podemos abrir mão de uma educação para todos, devemos pensar em caminhos que não afete a democratização desse direito. Para isso, precisamos reafirmar: Não são apenas números, são pessoas. Não são dados, são vidas. Não são apenas vidas, são vidas que importam.

4 Vale afirmar, que estudar o passado pode ser um claro exemplo de procurar investigações sobre estudos de pandemias como a Peste Negra em 1347, a Gripe Espanhola em 1918, a Peste Bubônica no século XIV, entre outras doenças parecidas que afetou setores econômicos, sociais e educativos em nível mundial, trazendo estes exemplos para poder refletir de como seria a sobrevivência de uma pandemia e dos momentos pós pandemia.

Nesse prisma, o mal-estar docente é envolvido também pela preocupação em relação aos caminhos incertos buscados pela escola e, desse modo tem existido e resistido a todo tipo de banalização da morte e à desumanização da doença. A subjetividade docente toma um rumo diferente e com mais evidência, pois o mundo pedagógico e formativo vive uma nova e triste realidade, a qual tem contribuído para o aumento do consumo de medicamentos antidepressivos por parte dos educadores.

Diante desse quadro, uma questão volta novamente a inquietar: Como pensar uma educação de forma remota, quando se tem estudantes e professores se encontram em quadros depressivos e de ansiedade?

Sem dúvida, o mal-estar docente evidencia-se nessa situação de ensino à distância, enquanto forma de supostamente solucionar um problema de calendário, frequência e notas de estudantes. A questão é simples: A escola não está aqui para prestar serviços, está para garantir direitos. Educação é direito e, defender isso é o dever de todos, visto que a educação em sentido pleno é a educação para todos e sua integralidade é para uma formação humana. Qualquer “jeitinho” educacional pode significar um ato fatal para a educação pública, igualitária e de direitos. Assim, uma educação antifascista não abre mão da democracia, da autonomia.

Proposições finais: ressignificando o mal-estar docente pela autorreflexão

[...] a emancipação precisa ser acompanhada de uma certa firmeza do eu, da unidade combinada do eu [...]. (ADORNO, 1995, p. 171)

Ao retomar o objetivo principal do texto novos desafios são apresentados no que tange ao papel docente e à educação em tempos de pandemia. Para além de estratégias emergenciais educativas, a escola e o ensino precisam, efetivamente, direcionar o conhecimento para o caminho da formação humana e da autorreflexão crítica, tanto de professores quanto de seus estudantes.

Foi constatado, pelos referenciais utilizados, que neste tempo de pandemia há um desconforto que se reflete nos aspectos físicos, psíquicos, cognitivos e sociais do docente e, que cada vez mais tem tomado uma proporção maior e, por que não, até preocupante. Nesse sentido, em relação aos professores, “é necessário eliminar quaisquer limitações e obstáculos existentes na realidade que dão suporte aos tabus com se cercou o magistério” (ADORNO, 1995, p.114). Sobretudo, no que se refere à formação docente “é necessário tratar aqueles pontos nevrálgicos ainda na fase de formação dos professores, em vez de orientar a sua formação pelos tabus vigentes” (ADORNO, 1995, p.114).

Nesse sentido, cabe à escola promover a formação humana diante desse cenário tecnológico, por meio e uma educação crítica. Assim, para Adorno (2010, p.13):

A formação devia ser aquela que dissesse respeito – de uma maneira pura com seu próprio espírito – ao indivíduo livre e radicado em sua própria consciência, ainda que não tivesse deixado de atuar na sociedade e sublimasse seus impulsos. A formação era tida como condição implícita a uma sociedade autônoma: quanto mais lúcido o singular, mais lúcido o todo.

Pelo processo de autorreflexão crítica há a possibilidade de pensar a educação e a formação em tempos de pandemia, para além da tecnicidade do ensino marcado por uma racionalidade instrumental da educação e do saber. Os caminhos apontam para uma conscientização do trabalho formativo docente e, ao mesmo tempo, para uma reflexão sobre as escolhas e seus sentidos nesse cenário pandêmico. Pelas trilhas da emancipação há condições do sujeito social e em formação, libertar-se do imediatismo de relações técnicas, rasas e reificadas em busca de novos sentidos do ensino e da formação com vista à desbarbarização da educação e do conhecimento. Para isso, o exercício é revisar problemáticas ocultas ou esquecidas nas práticas

cotidianas da vida social e educacional.

Referências

ADORNO, T. **Educação e emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, T. Teoria da Semiformação. In: PUCCI, B.; ZUIN, A. Á. S.; LASTÓRIA, L. A. C. N. (Orgs.). **Teoria Crítica e inconformismo: novas perspectivas de ensino**. Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2010. Cap. 1, p. 6-40.

ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Farewell**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

ARENDT, H. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. O processo de adoecer pelo trabalho. In: A. M. T. Benevides-Pereira (Org.). **Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 21-92.

BENEVIDES-PEREIRA et al. **Sintomas de estresse em educadores brasileiros**. Aletheia, 18, 2003, p. 63-72.

CARLOTTO, M. S. A síndrome de Burnout e o trabalho docente. **Psicologia em Estudos** [online]. 2002, vol.7, n.1, pp.21-29. ISSN 1413-7372. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722002000100005>.

CIALZETA, J. R. **El sufrimiento mental en el trabajo: Burnout en Médicos de un Hospital de Alta Complejidad, Corrientes**. Universidad Nacional de Córdoba (Tesis de Maestría), 2013.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru/SP: EDUSC, 1999.

FREUD, S. **O mal estar na civilização**. Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. Tradução Paulo César de Souza, Vol. XVIII, Editora Psicanalítica Internacional, 1930.

HARRISON, B. J. Are you to burn out? **Fund Raising Management**, 30(3), 25-28, 1999.

IMBERNON, F. **El malestar del profesorado en tiempos de confinamiento y enseñanza virtual**. El Periódico, LUNES, 18/05/2020 - 20:42, 2020. Disponível em: <https://www.elperiodico.com/es/opinion/20200518/articulo-francisco-imbernon-malestar-del-profesorado-en-tiempos-de-confinamiento-y-ensenanza-virtual-7966492>. Acesso em: 01 nov. 2020.

OLIVEIRA, E. S. G. O “mal-estar docente” como fenômeno da modernidade: os professores no país das maravilhas. **Ciências e Cognição**, 7, 27-41, 2006. Disponível em: www.cuenciasecognicao.org. Acesso em: 23 nov. 2020.

OLIVEIRA, M. R. F. de; AGOSTINI, N. Sociedade Multitela e a Semiformação: um desafio ético de grande monta (Multiscreen society and the semiformation: a great proportion ethical challenge). **Revista Eletrônica de Educação**, 2020, vol. 14, p. 3753069.

PEREIRA, M. R. **O nome atual do mal-estar docente**. Belo Horizonte: Fino Traço. 2016.

PUCCI, B.; ZUIN, A. A. S.; LASTÓRIA, L. A. C. N. (Orgs.). **Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010 (Coleção Educação Contemporânea).

SANTOS, B. de S. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Editora Almedina, 2020.

YAEGASHI, S. F. R.; BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. ; ALVES, I. C. B. . Docência e burnout: um estudo com professores do Ensino Fundamental. In: YAEGASHI, S.F.R.; BENEVIDES-PEREIRA, A.M.T. (Org.). **Psicologia e Educação: conexão entre saberes**. 1ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013, v. 1, p. 189-210.

Recebido em 03 de dezembro de 2020.

Aceito em 19 de abril de 2021.